

QUAL A VIDA POSSÍVEL APÓS A MORTE?

Gabriela de Jesus¹

RESUMO

No Brasil, país de dimensões continentais, temos a atuação das forças policiais nas periferias com altos índices de letalidade e a morte de crianças e jovens negros está presente nos noticiários de forma cotidiana. Com a naturalização dos acontecimentos é preciso forçar um estranhamento ao olhar a rede de destruição que a morte prematura de causa em sua família e comunidade. Em diálogo com as possibilidades diante da raiva apresentadas por Audre Lorde, esse texto se propõe a evidenciar o desespero de uma mãe após a perda do seu filho, com reflexões sobre a permanência da dor, da saudade, do medo latente. Neste texto ficcional se apresenta a voz de uma mãe que chora a ausência-presença do seu filho assassinado pelas forças policiais. Inspirado em casos verídicos de mães e familiares que perderam seus entes e se articulam em redes para lutar por justiça, como as Mães de Maio ou a Rede de Comunidades e Moradores Contra a Violência, o ensaio é um experimento político para elaborar dores históricas e raivas viscerais.

Palavras-chave: Audre Lorde; Violência policial; Poesia; Mãe; Periferia.

Se pai, filho, primo, amigo, afilhado, vizinho, sobrinho ou mãe.

Se alguma dessas pessoas morre depois da morte de seu ente querido, com o corpo e memória executados, essa pessoa morre de quê?

Qual a causa da morte na certidão de óbito?

Deixando de conversa, é evidente a morte de tristeza, todo mundo sabe.

A dor fica maior que a utopia da vida...

A pressão sobe por só beber a água salgada que brota dos olhos como as minas d'água onde o menino brincava dia desses... anos ou dias atrás?

Alguém ouviu ele chamar?

Não era a voz dele no portão?

Não faça isso! Não compre nunca desse marca que dá alergia, até intoxicação teve! A minha vida é moldada na vida do menino. Não lembro a última vez de ter comido fígado acebolado ou salada de agrião em casa, como menino não gostava, o costume do preparo se perdeu...

O sono abraça e como num golpe imobiliza, a cama se torna um forte, a cabeça gira.

Sobreviver a morte do filho, do primo, do amigo de infância, do meu menino?

Como sobreviver depois de não ouvir mais as risadas, como não se preocupar com o tardar do horário, como não preocupar com a falta da ligação avisando que está/vai ficar tudo bem,

¹Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos. Contato de e-mail: gabipj@gmail.com.

acordar com o despertador programado por ele e só depois atinar que a volta não virá, não voltará.

Como sobreviver à morte do menino morto pelo Estado — seja alvejado, seja negligenciado? Será que as mortes pós-mortes dos presENTES queridos são contadas como morte matada ou morte morrida?

Tanta noite mal dormida ninando nenê, nana nenê, nana. Vem pro braço da mãe que tanto ama... No fundo a gente sabe que não querem ver crescer e florescer menino de pele e de terra preta, mas resistimos, cuidando de um campeão pique Neymar, Mbappé, Gabriel Jesus com camiseta quase original de time gringo! Um meninão cuidado para ser mais e mais, nunca imaginaria esse final que me deu, que dá e que infelizmente ainda dará.

Tanto tempo segurando a pequena mão dentro da minha, bem quentinha, a segurar o lápis que registra o mundo, letra de forma, letra cursiva, fração, países, estados, no final o lanche e o pijama. Tanta vida corrida vendo quem fica com o neném? Tanto tempo de vida assistindo desenho animado, colando figurinha com cola de farinha? Pipa, bolinha de gude, rolimã. Quanta esperança no olhar cansado nos BusãoCartãodepontoAlmoçoCartãodepontoBusão e enfim cheirinho de neném? Tanto chá, garrafada, briga de galo bravo para limpar um nariz ou cortar unhas, dor de barriga tratada, tanta febre de dentinho nascendo e medo de dente de leite cair, tanto cuidado com o menino.

Tudo rodopia e nem um pio do menino. Meu Deus faz assim não, ME LEVA E DEIXA ELE! Tanto medo de deixar machucar o menino, da injeção que precisa dar e o coração numa mão e na outra a agonia do menino - mas tá nos meus braços, aqui tem segurança, nada aconteceria. O coração condoído de ver o menino sentir dor, joelho ralado, ponto na testa, braço quebrado, tampão do dedão que ficou no asfalto na tentativa do drible mais bonito do jogo. Tanto medo de ver o menino sofrer...

Tanto lutamos dia a dia levando desaforo na cara, nas costas, nos braços para fazer o melhor pelos nossos meninos — que eu sofra para que ele seja uma pessoa melhor amanhã.

O amanhã veio uniformizado com cheiro de vela queimada, sangue, pólvora e dor, muita dor. Não precisa medo, menino, mamãe vai te abraçar pessoalmente, não tem lugar nesse mundo que me caiba para além dessa saudade que me come os ossos. Pode ficar calmo, meu amor, mamãe já chega e ninguém poderá nos separar.

Será que as mortes pós-mortes são contadas como morte matada ou morte morrida?

Como desistência da vida ou morte decorrente de morte?